

LER-ESCUTAR-SENTIR A PANDEMIA NAS PERIFERIAS POR MEIO DA ESCRITA DE CARTAS

**LEER-ESCUCHAR-SENTIR
LA PANDEMIA EN LAS
PERIFERIAS A TRAVÉS DE LA
ESCRITURA DE CARTAS**

**READING-LISTENING-
FEELING THE PANDEMIC IN
THE PERIPHERIES THROUGH
LETTER WRITING**

Juliana Vieira

Universidade Federal de São Carlos UFSCAR – Campus Sorocaba

Bárbara Cristina Moreira Sicardi Aygadoux

Universidade Federal de São Carlos UFSCAR – Campus Sorocaba

RESUMO

Este artigo deriva da pesquisa de doutorado iniciada com a pandemia de Covid-19 no Brasil e que investiga a crise sanitária, política e social que emergiu então, tendo como foco as desigualdades na periferia. O objetivo é dar visibilidade às professoras e crianças da periferia para que relatem suas experiências e memórias sobre o período. A metodologia adotada é a pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica, utilizando cartas intergeracionais como principal fonte e forma de registro.

PALAVRAS-CHAVE: INFÂNCIAS PERIFÉRICAS, PANDEMIA, ESCRITA DE CARTAS, NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS.

RESUMEN

Este artículo surge de una investigación doctoral iniciada durante la pandemia de Covid-19 en Brasil, que investiga la crisis sanitaria, política y social resultante, centrándose en las desigualdades en la periferia. El objetivo es dar visibilidad a docentes y niños de la periferia para que puedan relatar sus experiencias y recuerdos de este período. La metodología adoptada es la investigación narrativa (auto)biográfica, utilizando cartas intergeneracionales como principal fuente y forma de registro.

PALABRAS CLAVE: INFANCIAS PERIFÉRICAS, PANDEMIA, ESCRITURA DE CARTAS, NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS.

ABSTRACT

This article stems from doctoral research initiated during the Covid-19 pandemic in Brazil, investigating the resulting health, political, and social crisis, focusing on inequalities in the periphery. The objective is to give visibility to teachers and children from the periphery so they can recount their experiences and memories of that period. The methodology adopted is narrative (auto)biographical research, using intergenerational letters as the primary source and form of recording.

KEYWORDS: PERIPHERAL CHILDHOODS, PANDEMIC, LETTER WRITING, (AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES.

A pandemia na periferia: publicização das vozes não documentadas

No começo do ano de dois mil e vinte, a humanidade se viu diante de um inédito (in)viável: a pandemia de Covid-19. É este período histórico que mobiliza o desejo inicial por uma pesquisa de doutorado que foi se fazendo com a vida desde aquele momento, com a intenção inicial de demarcar a pandemia como crise sanitária, política e social, especialmente no Brasil, sítio de tantas desigualdades.

Este trabalho é um recorte da tese em curso, que se propõe a trazer a periferia e suas vozes silenciadas para o centro, vozes de professoras e crianças, para que possam dizer o que somente elas podem dizer a respeito dos territórios que ocupam e habitam com suas memórias e histórias.

A escolha teórico-metodológica é por uma *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica que tem como fonte, forma de registro e modo de produzir conhecimento, cartas escritas pelas professoras, pelas crianças e pelas pesquisadoras. De modo mais concreto, vinte e duas professoras de diferentes regiões do Brasil escreveram cartas durante o período da pandemia para relatarem seus modos de viver e enfrentar o período em questão, cartas essas que foram lidas e respondidas por vinte e duas crianças de cerca de dez anos, estudantes de uma escola periférica na cidade de Campinas, São Paulo.

Quando professoras e crianças dizem e escrevem sobre como viveram a pandemia na/com a periferia, desnudam diante de nós anúncios e denúncias individuais/coletivas, os quais dificilmente encontramos nos dados macro e oficiais. Assim, narrativa e epistolarmente, essa interação intergeracional se dá pela escuta-escrita de sujeitos comumente invisibilizados e desconsiderados em seus saberes sobre e com o mundo.

O texto que aqui colocamos em diálogo foi apresentado no VIII Seminário Luso Brasileiro de Educação de Infância e no IV Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação, ocorrido em setembro de 2025, em Setúbal, Portugal. Trazê-lo publicizado como artigo é um modo de estender a conversa tecida, primeiramente, com colegas das nações-irmãs, para um diálogo ampliado com nossas redes e coletivos das escolas e universidades.

Escutar-sentir-narrar a pandemia nas periferias - nas cartas e relatos das crianças

Uma das pesquisadoras, ao ingressar na escola na qual trabalha atualmente, ao ouvir um menino de dez anos, durante o período de retorno às aulas de forma híbrida, constatou que não conhecia o bairro, o entorno, o local em que a escola estava inserida, tampouco conhecia seus moradores, seus modos de viver a vida, seus contextos. Foi durante o recreio, esse *espaçotempo*¹ no qual a conversa corre mais solta, que ele (o menino) a provocou, ainda que sem a intenção, conforme o relato da *professorapesquisadora*:

¹ Tenho-temos aprendido, com os estudos dos cotidianos, a subverter algumas formas de escrita, fundamentada/s nas palavras de Nilda Alves. Segundo a autora, grafar alguns termos de modo inseparável “é também uma busca de superação das marcas que em nós estão devido à formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, representado pela ciência moderna, na qual um dos movimentos principais é a dicotomização desses termos, vistos como ‘pares’ mas opondo-se entre si” (Alves, 2003, p. 2, grifo da autora).

Era setembro, fazia três meses que eu havia chegado. Naquele momento da pandemia, fazíamos revezamento das turmas para evitar a aglomeração. Nas salas, as mesas eram dispostas de modo a manter um metro de distância, o uso da máscara era obrigatório, nada de trabalhos em duplas ou grupos, higienização constante das mãos com álcool gel, placas informativas por todas as paredes da escola, enquanto a outra metade da turma seguia em trabalho remoto. E lá no recreio, diante de uma cena de aglomeração, eu discursava:

- Gente, fiquem longe, tô tendo que lembrar vocês toda hora... Olha aqui, tá muito perto! C., arruma a máscara, o nariz tá pra fora!

- Ihhh, professora, esse negócio de distanciamento e máscara é só aqui na escola, lá fora não tem essa não, a gente vai no piseiro, na vaquejada, todo mundo aglomerado, dá nada, não!

- Piseiro? O quê que é piseiro?

- Forró, professora, forró!

C., com seus dez anos, inserido em sua cultura, território e contexto, mostrava-me o esvaziamento de sentido que o meu discurso tinha para ele e, certamente, para boa parte das crianças. E quem viveu esse período dentro da escola sabe, não tinha como manter protocolos rígidos diante da intensidade das relações. Quando víamos, já tinha ido o abraço, o afago, a borracha emprestada, a conversa durante uma garfada e outra de comida na mesa do refeitório... (set./21).

Diante da provocação do menino, que dizia que a escola e a professora estavam por fora da realidade vivida ali naquela periferia, perguntamo-nos: qual é a força das práticas e discursos escolares frente às experiências cotidianas, culturais e sociais dos sujeitos de um dado território?

Temos uma ideia dessa força quando observamos que C. reproduz na escola o que vive fora dela e, possivelmente, não faça o contrário, reproduzindo fora o que é “instruído” a fazer quando está dentro. Conforme Correia (2003, p. 508 *apud* Passeggi, 2018, p. 48), Bruner afirma que a Psicologia Cultural, eminentemente interpretativa, está: “interessada nas formas através das quais os seres humanos produzem significados nos contextos culturais onde estão inseridos. As pessoas são resultado deste processo de produção de significados, no qual a educação está intimamente relacionada como contexto cultural situado”.

A professora, em sua condição permanente de reflexão e interrogação do vivido a partir do que as crianças dizem, segue mobilizada a viver esse território mais de perto:

C. e outras crianças do meu convívio diário têm me deslocado, ainda que a pequenos e curtos passos, para esse desejo de conhecer e vi(ver) mais de perto esse território, ouvir mais as histórias que elas me contam sobre seus finais de semana e tardes fora da escola, de andar pelo bairro, explorar o comércio local, participar de festividades e espaços comunitários que eles estejam envolvidos, aparecer no treino de futebol, na pracinha, à tarde, conversar com funcionários da escola e que também são moradores do bairro. Foi também durante o período de revezamento de estudantes, ainda na pandemia, em um início de aula, enquanto pedia aos alunos o caderno para vistar a tarefa de casa, que

ouvi uma das denúncias mais duras que já ouvira em toda a minha vida, vinda de um menino, C., que justificava a tarefa inacabada:

- Prô, você pediu para copiar um poema, mas eu copiei quatro!

- Que beleza, H.!!!

- Eu fiz só dois, prô... bem na hora que tava lá fazendo o poema, os “polícia” chegou. Eles queriam o documento do meu pai.

Eu nunca, em toda a minha trajetória docente imaginaria uma cena dessa: um menino de dez anos, um menino negro, um pai servente de pedreiro, migrante nordestino, também negro, o menino fazendo a tarefa, fazendo a tarefa numa mesa de cozinha, os “polícia” entrando, o menino vendo a cena: o pai, os documentos, os policiais e dois poemas no caderno. Desse dia em diante, as tarefas de casa continuaram a existir, mas em um outro lugar, de outro modo, sem cobranças exageradas e nunca sem antes perguntar o motivo, o motivo da tarefa inacabada. Como professora na/da periferia, cenas de violência protagonizadas pela polícia são comuns, os relatos das crianças são cheios delas: cenas de perseguição policial, de “batida”, também conhecida como “blitz”, de trocas de tiros. Mas ouvir o menino e imaginar a cena da criança fazendo a tarefa e sendo interrompida pela chegada dos policiais, foi algo que ouvi pela primeira vez e que me atravessou a consciência (set./21).

Pensamos em outras periferias, nas quais tantas crianças são impedidas de acessarem a escola por estarem em verdadeiras zonas de guerra entre o tráfico e os militares, e em tantas outras que pagaram com suas vidas nas idas e vindas entre a casa e a escola. Em todas as periferias a violência é um marcador social impeditivo de direitos, em algumas, mais do que outras.

Segundo o Instituto Fogo Cruzado, 702 pessoas entre 0 e 17 anos foram baleadas no Grande Rio desde julho de 2016. Isso quer dizer que, em média, a cada quatro dias uma criança ou adolescente é baleado. Essa mesma polícia, que aborda de um jeito na periferia e de outro nos condomínios fechados, teve sua atuação narrada pela voz de C. e de outro menino, K., da mesma turma:

- Eu moro na favela, e quando chega a polícia lá, minha mãe me chama pra dentro – diz K.

- Vish, Prô... quando a Rota, chega, então, desce uns vinte, tudo com fuzil na mão – afirma C.

- E o que é Rota? – pergunto, como se não soubesse.

- Rota é a pior polícia que tem, de onde eles tiverem, têm permissão para atirar e matar – explica C. (set./21).

C. e K., estudantes da periferia, denunciam, em suas narrativas, a vulnerabilidade que precede a pandemia e que se agravou com ela, como aponta Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 21) em “A Sul da Quarentena”, capítulo do livro “A cruel pedagogia do vírus”: “A quarentena não só torna mais visíveis, como reforça, a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas

provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele”. São muitos os grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil, pois compartilham uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela.

As narrativas das crianças que trazemos aqui foram se emaranhando com a proposta da tese, quase que ao acaso; algumas delas são registros que aconteceram antes mesmo da escolha por uma pesquisa narrativa (auto)biográfica com crianças, mas já esboçavam um movimento de pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares da *professorapesquisadoranarradora* que busca *escutarsentir* a realidade que grita, que anuncia-denuncia (Freire, 2022) e que se faz presente nas vozes das crianças.

Não é nada fácil escutar na escola, em meio a tantos barulhos, ruídos, burocracias, conflitos e tensões, tudo colabora para a superficialidade das relações e para a automatização das ações. Estar sensivelmente presente torna-se um exercício de resistência e reexistência, um ato político, ético e estético a ser vivido como escolha para e por uma formação mais reflexiva, crítica, colaborativa e humanizadora.

Assim, ao trazer para o centro a periferia e as vozes silenciadas de professoras e crianças, a tese traz à tona aquilo que apenas elas podem dizer de suas vivências e experiências, pois acreditamos, com Freire (1987), que

Com a palavra o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem (Freire, 1987, p. 12).

Trazar a periferia para o centro significa, aqui, colocá-la em perspectiva a partir do que dizem os sujeitos que nela habitam. As cartas escritas por professoras e crianças revelando como viveram a pandemia na/com a periferia, delineiam um cenário que dificilmente é retratado em dados macro e oficiais.

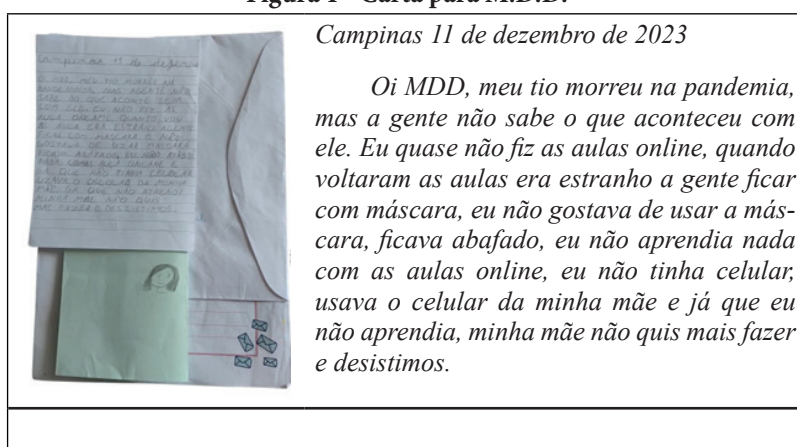
Na pesquisa narrativa (auto)biográfica aqui exposta, o nível micro das experiências compartilhadas dialoga, acrescenta e complementa os dados macro oficiais expressos pelas estatísticas e relatórios governamentais. Essa relação não é de oposição, mas de complementaridade crítica e valorização das singularidades, alteridades, afetividades, trazendo para a pesquisa a dimensão subjetiva tanto das crianças e professoras, em suas cartas, como as nossas, enquanto *pesquisadorasnarradoras*, em oposição, agora sim, às pesquisas de caráter positivista/cientificista que se pretendem neutras, descritivas, metrificadoras e objetificadoras dos sujeitos e dos dados.

Os dados macro, como taxas de mortalidade, números da violência policial, estatísticas de acesso à internet, índices de aprendizagem, de acesso e permanência, são essenciais para trazer o panorama geral da realidade, mas o que nos captura é justamente ao que as métricas escapa: as histórias de vida, a relação com o contexto vivido, as tramas narrativas que nos revelam modos de ser, estar, viver, resistir e reexistir em meio às adversidades de grupos sociais, a partir do que narram os indivíduos nunca individualizados, mas em relação com seus grupos e contextos.

O caráter de anúncios e denúncias presentes nas cartas é invisibilizado quando o foco investigativo se detém nos grandes números estatísticos. Mas, por outro lado, quando nos colocamos a ler-escutar-sentir os textos epistolares compartilhados, constatamos que a vulnerabilidade é um fator e marcador social impeditivo de direitos, que se agravou com a crise (Santos, 2020), e damos a ver o entrecruzamento dos números amplamente publicizados às micro histórias tantas vezes apagadas. Se um relatório oficial diz que determinada quantidade de alunos teve acesso remoto, a narrativa questiona: qual era a qualidade desse acesso?

A carta para M.D.D. nos ajuda a deslindar esta indagação:

Figura 1 - Carta para M.D.D.



Fonte: a autora (2025).

As cartas, como gênero essencialmente narrativo-dialógico, propõem intrinsecamente uma escuta ativa, na qual o remetente é a voz que pretende alcançar um outro pela escrita e possivelmente estabelecer uma relação de diálogo e aproximação, uma escrita-convers(ação) privilegiada por um gênero textual que é narrativo e dialógico, buscando evidenciar a importância da escrita docente, dos registros narrativos (auto)biográficos, da escrita de cartas, dos seus usos pedagógicos como fonte de pesquisa, forma de registro e modo de produzir conhecimento. São “objetos” guardadores de memórias com pessoas dentro; ao serem lidas e relidas, despertam outras (Silva, 2020).

As cartas se mostram um meio autêntico e menos formal que um questionário ou entrevista, capturando a subjetividade e a emoção dos sujeitos, em uma escrita que é íntima, mas articula o individual e o social.

As memórias, quando narradas, tanto na forma oral como escrita, ao serem (com)partilhadas, revelam um tempo que é *passadopresentefuturo*, nessa ou em outra (des)ordem, num tríptico presente, onde, segundo Ricoeur (1994), futuro, passado e presente se entrelaçam. Nesse sentido, falar da pandemia cinco anos depois de seu início devastador é retomar esse passado no presente, de modo a evidenciarmos lições para futuros.

Um curso no meio da pandemia, fontes e caminhos da pesquisa - as cartas das professoras

No ano de dois mil e vinte me inscrevi no curso on-line e gratuito “Entender o mundo hoje: pandemia e periferias”, oferecido pela Universidade Emancipa (UniEmancipa) em parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que ocorreu entre os meses de maio a julho daquele ano, em dez encontros, às terças-feiras, tendo como objetivo discutir os impactos e as possíveis saídas desta crise a partir da experiência periférica que marca e define a realidade brasileira: a vida da negritude, das mulheres, dos grupos imigrantes e refugiados, do trabalho precário, da saúde pública, das prisões, das periferias das cidades, contando com a participação de convidados especiais para cada aula-tema.

A coordenadora do curso propôs aos participantes que escrevessem cartas e encaminhassem para a UniEmancipa, uma iniciativa que nomeou de “Cartas da Pandemia”. Nessa correspondência, os remetentes escreveriam acerca de como estavam passando pela experiência da pandemia da Covid-19 na condição ou não de distanciamento e/ou isolamento social.

Como participante do curso, apreciadora, escritora, leitora e pesquisadora desse gênero, em um contato informal com uma das mediadoras de grupo propus que as cartas pudessem ser destinadas a alguém disposto não apenas a lê-las, como também a respondê-las, de maneira que fizéssemos a palavra circular entre as pessoas. Nesse sentido, coloquei-me à disposição para auxiliar no encaminhamento. Já em contato com a coordenadora, disponibilizamos um formulário de inscrições para quem desejasse ser um “Destinatário Solidário” e divulgamos durante o curso e em nossas redes sociais. Em três dias tivemos que encerrar, tamanho era o interesse das pessoas em receber uma carta para responder; foram mais de duzentas inscrições.

Começamos, então, o trabalho de arquivamento das cartas dos remetentes e destinatários. Foram catalogadas 67 cartas enviadas e 214 inscritos para respondê-las, assim, a mesma carta foi enviada para três ou quatro destinatários diferentes. Com um potente movimento de interlocução, passamos a conhecer histórias de vida dos mais diversos contextos, em especial, narrativas de enfrentamento da pandemia, cartas/e-mails que vieram de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Ceará, Sergipe, Goiás e Espanha, dos que foram possíveis identificar. Entre os 67 remetentes, um dado interessante: 22 cartas tinham sido escritas por mulheres professoras e uma, por um professor, portanto, quase 35% do total foi redigido por docentes; uma porcentagem considerável, visto que o curso era aberto à participação de toda a população interessada.

A leitura-escuta das cartas durante o período do curso entrava pelos meus ouvidos e poros, como se as vozes daquelas mulheres, daquelas mulheres professoras, fossem, de algum modo, também a minha voz. Ninguém saiu ileso dessa pandemia. A cada leitura, sentia-me atravessada como mulher, como mãe e como professora. Sentia-me convocada como pesquisadora a documentar e publicizar essas escritas, com o compromisso de visibilizar o vivido entre as paredes do privado exposto por elas, como podemos ler-escutar-sentir neste excerto:

Sou professora de duas redes municipais: São Paulo e Taboão da Serra. Estudei bastante. Três graduações. [...]. Estou aqui, entre quatro paredes, com um marido bolsonarista, sexista, homofóbico, xenofóbico, mas não encrenca comigo, pois ouço a fala dele, discordo e prossigo com as minhas ideologias. Em relação aos empregos: a batalha com o Classroom e o confinamento pedagógicos são intensos. Troco o dia pela noite, colaboro com os mantimentos para que os moradores façam sopa para os moradores de rua. Enfim, ouvindo TV, um gosto amargo na boca e desacreditando dessa desvairada briga governamental cheia de vaidade (set./21).

Enquanto participante do curso e mediadora das correspondências, enxerguei potência no movimento e nas fontes para a elaboração de um projeto de pesquisa. O projeto intitulado: *Cartas da Pandemia: experiências de escuta, partilha e (per)formação para uma escola-outra* foi aceito no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), campus Sorocaba. A centralidade da questão era evidenciar o gênero carta como potente fonte de pesquisa e modo de escrita/registro acadêmico.

Como professora da educação básica, sendo mobilizada e provocada pelos relatos das crianças, já expostos mais acima, enxergamos, eu e minha orientadora, uma possibilidade de interlocução intergeracional, que também poderia se dar pela escrita das cartas, agora produzidas por crianças, também em resposta às professoras, a partir de um convite para integrar um projeto com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tratava-se de um Edital de Seleção Emergencial IV CAPES - Impactos da Pandemia, intitulado: *Do outro lado da margem: desafios e proposições no enfrentamento das desigualdades sociais das infâncias em pandemia*². Desde então, a pesquisa ganhou novos sentidos e propósitos, já que a escuta e o registro do que dizem as crianças já era-é parte da minha prática docente e está entre “as coisas” que mais gosto de fazer, porque é um modo de exercitar minha reflexividade, meus *saberesfazeres*, minha (per)formação³.

Ler-escutar-sentir as narrativas das crianças é, ao mesmo tempo, garantir o direito delas à palavra, como sujeitos da experiência, e explicitar a legitimidade de suas vozes, tanto quanto as das professoras.

Para promover essa convers(ação) entre professoras e crianças que narram “suas” pandemias pela escrita de cartas, planejamos uma sequência de encontros e intencionalidades, como esboçamos a seguir:

- *Encontro 1 - Vamos conversar sobre a pesquisa?*

Momento para tirar dúvidas, fazer perguntas, aceitar ou não participar da pesquisa e levar para a casa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que a mãe, o pai e/ou responsável também autorizasse e assinasse a participação.

2 Projeto coordenado pela Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos e que tem os objetivos de conhecer e mapear as condições de vida das crianças e suas famílias, em pelo menos três das cinco macrorregiões brasileiras, para enfrentar desigualdades sociais, investigando diferenças entre os diversos grupos para propor uma agenda de políticas públicas intersetoriais em pandemia.

3 Tenho usado essa palavra-sentido, (per)formação para referenciar práticas e metodologias narrativas que favorecem a travessia do sujeito empírico ao sujeito biográfico (Passeggi, 2016), onde narrar/dizer é ser, a palavra mobiliza o ato.

- *Encontro 2 - Cartas daqui e de lá, o que dizem as Cartas da Pandemia?*

Leitura das cartas-testemunho escritas pelas professoras sobre a pandemia. Para trazer uma certa ludicidade, a pesquisadora convidou a mãe de uma aluna (que é carteira de profissão) para fazer a entrega das cartas, aleatoriamente, às crianças. Depois da leitura, todos puderam compartilhar suas impressões, sentimentos e memórias que surgiram durante e a partir da leitura. Algumas questões foram colocadas: O que dizem as cartas? Quem é o (a) remetente e onde vive? Que sentimentos essa leitura lhe trouxe? Durante a leitura da carta, quais memórias surgiram? Há alguma que você possa e queira compartilhar?

- *Encontro 3 - Um baú para guardar nossas memórias da pandemia*

No centro de uma roda foi colocado um baú no qual as crianças foram guardando, ao longo da semana, objetos que evocavam memórias do vivido durante a pandemia. Cada criança foi convidada a narrar o porquê da escolha e quais memórias esse objeto suscitava.

- *Encontro 4 - Da leitura-escuta à leitura-escrita, uma carta leva à outra*

Neste encontro, as crianças foram convidadas a escrever uma primeira versão das cartas da pandemia, experimentando a escrita de si a partir das memórias individuais e coletivas. Diferentes papéis, cores e envelopes foram disponibilizados para uso livre na execução da escrita.

- *Encontro 5 - Me ajuda a olhar? Entre pares...experimentações da escrita colaborativa.*

Em duplas formadas por livre escolha, um(a) colega fez a leitura da carta do(a) outro(a) e vice-versa, fazendo comentários e perguntas que promoveram e embasaram ajustes para a segunda versão, revisada.

- *Encontro 6 - Aprender a dizer a nossa palavra*

Leitura da versão final da carta para a turma e discussão dos próximos passos para compartilharmos as cartas-testemunho escritas pelas crianças para além da publicação na tese.

Diante das cartas escritas pelas professoras no início da pandemia, fontes primárias desta pesquisa, e das cartas escritas pelas crianças no pós-pandemia, fontes secundárias, temos em mãos as fontes narrativas que têm sido material de análise e reflexividade da *professorapesquisadoranarradora*.

E nessa cronotopia dos encontros, a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a discussão aberta com as crianças garantem que a pesquisa seja feita *com* as crianças e não *sobre* elas. Isso as coloca como sujeitos centrais e colaboradoras do processo, cujos interesses e modos de participação são respeitados.

A entrega das cartas das professoras foi mediada por uma carteira trouxe um elemento lúdico (personagem carteira) e real (profissional carteira e mãe de uma das crianças), o que transformou o encontro em algo esperado e as cartas, em documento afetivo. Isso provoca nas crianças a reflexividade acerca de suas próprias experiências, sobre quais sentimentos essa leitura trouxe, iniciando a articulação entre o vivido narrado pelo adulto e o seu próprio.

O uso de objetos-memória concretizou o tempo abstrato da pandemia, permitindo que as crianças atribuam sentido aos eventos. Os objetos servem como disparadores de narrativas (o “porquê da escolha”), revelando o que era mais significativo para elas no isolamento e no retorno.

Um movimento no qual a criança passa de leitora/ouvinte à produtora de discurso, exercendo sua autoria ao escrever a primeira versão da sua carta-testemunho. A escrita de si a partir da memória é um processo de construção de identidade e de “dizer a sua palavra” (Freire, 2022), fundamental para desvincular-se da visão adultocêntrica e afirmar a concepção de criança como sujeito de direitos.

Cartas-testemunho, diálogos intergeracionais e memórias singulares-plurais da pandemia

Concluir é um verbo de ação que denota encerramento, fechamento, de origem no latim: *concludere*, “fechar, cercar”, formada por *com*, “de todo, completamente”, mais *claudere*, “fechar”, segundo a descrição no site “Origem da palavra”⁴. O que apresentamos para este momento não é uma conclusão, mas observações e sistematizações provenientes da leitura-escuta das fontes, as quais têm sido pontos de análise e interpretação numa perspectiva hermenêutica de diferenciação e aproximação de sentidos a partir do vivido narrado e refletido, situado em um tempo que é ao mesmo tempo passado, presente e futuro: “a temporalidade passa a ser a unidade articulada do porvir, do ter sido e do presentear, que, assim, podem ser pensados conjuntamente” (Ricoeur, 2019, p. 119), um porvir que se torna presente no processo de ter sido.

As cartas, tanto das professoras como das crianças, trazem o contexto educacional dos sujeitos singulares e suas realidades pulsantes na pandemia em seus aspectos sociais, pessoais, históricos e culturais do vivido-narrado, como, por exemplo: aulas remotas, vínculos afetivos, medo e insegurança, moradia, acesso aos meios digitais, relação família-escola, mercantilização da educação, desemprego, alfabetização à distância, sobrecarga de trabalho das mulheres, formação das(os) professoras(es), ensino público e privado, saúde mental, redes de apoio, posicionamento político, solidariedade, políticas públicas e tantos outros.

A escrita epistolar, embora caracterize uma escrita íntima, pessoal e individual, é, ao mesmo tempo, representativa de grupos sociais específicos, neste caso, de crianças moradoras de periferias, de mulheres professoras e, sobre isso, aponta Ferraroti (2014):

Quando se trata de dar conta da prática humana, somente a razão dialética nos permite compreender cientificamente um ato, reconstituir os processos que, partindo de um comportamento, fazem a síntese ativa de um sistema social a partir da subjetividade não eludida de uma história individual. Somente a razão dialética nos permite reunir o universal e o geral (a sociedade), tomando por base o individual e o singular (o homem) (Ferrarotti, 2014, p. 43).

Nesse sentido, uma história é individual, mas também síntese de um sistema social, de um coletivo. Pensando nesse indivíduo que é singular e também plural (Josso, 2010), que é, simultaneamente, individual/singular e universal/geral, temos buscado colocar as fontes em diálogo com a intencionalidade de identificar aproximações dialógicas entre o narrado pelas crianças e pelas professoras a partir

⁴ Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/?s=concluir> Acesso em: 05 dez. 2025.

de suas memórias, unidades de sentido que possam nos ajudar a tematizar e problematizar a formação docente e as práticas curriculares na relação com seus contextos e territórios.

Como uma pequena amostragem do narrado pelas crianças em suas cartas, produzimos um podcast polifônico em que as próprias crianças liam fragmentos de seus textos para a turma⁵. Diante das fontes narrativas da pesquisa, seguimos na escrita da tese a análise compreensiva e interpretativa, sem conclusões definitivas e com desejo de ampliarmos o diálogo a respeito de infâncias periféricas, impactos da pandemia de Covid-19, escrita de cartas como texto acadêmico, registro, fonte, modo de produzir conhecimento, promover processos de autoria discente-docente e pesquisa narrativa (auto) biográfica com crianças.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. Teias, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, jan./dez. 2003.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NOVOA, A.; FINGER, M. (org.). O método (auto) biográfico. Lisboa, PT: Ministério de Saúde, Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 29-55, 2014.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 12 e 21- 44, 1987.
- INSTITUTO FOGO CRUZADO. Relatório Anual 2024. Rio de Janeiro: Instituto Fogo Cruzado, 2024. Disponível em: <https://fogocruzado.org.br/>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- JOSSO, Marie Christine. A experiência de vida e formação. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira. p. 6. PASSEGGI, Maria da Conceição, Desafios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica com crianças, Natal, RN: EDUFRN, 2010, p. 6.
- NAKAYAMA, Bárbara Sicardi; BRITO, Sol Silva; MORAIS, Joelson de Sousa; VIEIRA, Juliana. Diálogos entrecruzados, modos de narrar e pesquisa-vida-formação. Curitiba: CRV, 2023.
- PASSEGGI, Maia da Conceição (org.). Pesquisa auto(biográfica) em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal: EdUFRN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/af878c85-58df-46e3-b164-9bd2ab938f9b> Acesso em: 25 nov. 2025.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Roteiro, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> Acesso em: 27 nov. 2025.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Volume 3: O tempo narrado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- RICOEUR, Paul, 1994
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A Sul da quantentena. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.
- SILVA, Juliana Vieira da. (2020). Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-ser. Dissertação (Mestrado Profissional), Universidade Estadual de Campinas. Repositório Institucional da UNICAMP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638910> Acesso em: 25 nov. 2025.

5 Para conhecer o podcast, acesse o link: https://drive.google.com/file/d/1e7vCNAcAKcwLjmmFiWQdAOtaxE3Lze6/view?usp=drive_link.